

## O professor que nunca tive, mas tenho até hoje

José Geraldo Couto<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Formado em história e em jornalismo pela USP, é crítico de cinema, jornalista e tradutor. Trabalhou durante mais de vinte anos na Folha de S. Paulo e três na revista Set. Publicou, entre outros livros, *André Breton (Brasiliense)*, *Brasil: Anos 60 (Ática)* e *Futebol brasileiro hoje (Publifolha)*. Participou com artigos e ensaios dos livros *O cinema dos anos 80 (Brasiliense)*, *Folha conta 100 anos de cinema (Imago)* e *Os filmes que sonhamos (Lume)*, entre outros. Escreve regularmente sobre cinema para a revista *Carta Capital* e mantém uma coluna de cinema no blog do Instituto Moreira Salles.  
**e-mail: [couto.zegeraldo@gmail.com](mailto:couto.zegeraldo@gmail.com)**

Nunca fui aluno de Ismail Xavier. Mas sempre fui aluno de Ismail Xavier. Por volta de 1980, eu cursava jornalismo na ECA quando, numa manhã qualquer, um colega avisou: “Vai passar *Alphaville* no auditório da escola”. Eu já tinha visto o filme, mas assisti-lo de novo era sempre uma alternativa mais atraente do que uma aula de jornalismo sindical, técnicas de reportagem ou coisa que o valha. Pois bem: não era uma simples sessão de cinema, pois o professor que apresentava o filme era Ismail Xavier, de quem até então eu só ouvira falar.

Na conversa que se seguiu à exibição, Ismail não só fez uma exegese precisa do filme como o relacionou à Nouvelle Vague e aos cinemas novos em geral, mostrou sua influência sobre *O bandido da luz vermelha* de Sganzerla, abriu mentes, portas, janelas, horizontes. Um professor, em suma.

A partir de então, passei a ler todo e qualquer texto de Ismail que me caísse nas mãos, além de assistir, sempre que possível, a suas palestras. Mas só tive coragem de me dirigir a ele anos depois, já como jornalista profissional. Descobri, então, um sujeito tão acessível e sem frescura que lamentei não ter me aproximado antes.

De todo modo, já fazia anos que ele conversava comigo, por meio de seus livros e ensaios brilhantes sobre Glauber Rocha, Griffith, tropicalismo, *underground*, teorias do cinema (muitas das quais ele ajudou a difundir e discutir no Brasil), etc.

O que sempre me impressionou em Ismail foi reencontrar em qualquer intervenção sua, do artigo de jornal à tese de grande fôlego, da conversa informal à conferência acadêmica, a mesma postura generosa e pedagógica – no melhor sentido – daquela primeira sessão comentada de *Alphaville*. Uma inteligência compartilhada, um desejo de colocar na roda descobertas e dúvidas, difundindo o conhecimento como uma forma de prazer.

Quando passei a escrever profissionalmente sobre cinema – ainda que na superficialidade da imprensa – passei a invejar também a desenvoltura com que Ismail combina a análise cerrada da forma de cada filme com a discussão de suas articulações históricas, culturais e políticas. Não por acaso seus mestres foram

Paulo Emílio e Antonio Candido, pensadores da cultura que nunca dissociaram a arte da sociedade que a produz, sem com isso reduzir a primeira a uma consequência ou reflexo da segunda. Com sua voz própria e seu estilo original, é a essa nobre estirpe que pertence Ismail Xavier.